

Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil

Mônica Rigo Ayres*
Gabriel de Ávila Othero†

Resumo

O quadro pronominal do português brasileiro (PB) vem passando por modificações ao longo do tempo. Desde o século XIX, o clítico acusativo de terceira pessoa (*o, a*) vem perdendo espaço no conjunto de pronomes. Para retomar elementos anafóricos em posição de objeto direto, a gramática do PB fornece duas estratégias no lugar do clítico: o pronome pleno (*ele, ela*) ou uma categoria vazia. A escolha por uma estratégia ou outra não é aleatória; acontece por influência de traços semânticos (e talvez discursivos) do referente anafórico. De acordo com a literatura sobre o assunto, os traços de animacidade e especificidade ou de gênero semântico são os que parecem condicionar o uso de pronomes e objetos nulos em PB, e é isso que investigaremos aqui. Nossa hipótese central é que apenas uma dessas características do referente seja de fato aquela que condicione o uso do pronome ou do objeto nulo na retomada anafórica: o traço de gênero semântico. Para corroborar essa hipótese, analisamos aqui a fala de crianças entre as idades de 1 a 9 anos, dos *corpora* do CEAAL (PUCRS) e PEUL (UFRJ).

Palavras-chave: retomada anafórica, objeto nulo, português brasileiro, linguagem infantil

Abstract

The pronominal inventory in Brazilian Portuguese (BP) has been undergoing changes over time. Since the nineteenth century, the accusative third person clitic (*o, a*) has been falling away. BP grammar provides two new strategies to replace the clitic: the full pronoun

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Doutoranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras, *e-mail*: monicarigoayres@hotmail.com.

†Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professor Adjunto do Instituto de Letras, *e-mail*: gabriel.othero@ufrgs.br.

(*ele, ela*) or a null element. The choice of one strategy or the other is not random; it is straightforwardly related to semantic (and perhaps discursive) features of the antecedent. According to the literature on the subject, features of animacy and specificity or semantic gender are the ones that condition the use of pronouns or null objects in BP. This is what we investigate here. Our central hypothesis is that only one of these features is actually the one that triggers the use of a pronoun or the null object in anaphoric resumption, namely the semantic gender. To support this hypothesis, we analyze the speech of children between the ages of 1 to 9 years, extracted from two *corpora*: CEAAL (PUCRS) and PEUL (UFRJ).

Keywords: anaphora resolution, null object, Brazilian Portuguese, child language

1 Introdução e problemas

Neste *squib*, apresentamos nossa investigação acerca de uma propriedade bastante peculiar da gramática do português brasileiro (PB): o uso de pronomes e categorias vazias na retomada anafórica de objetos de 3ª pessoa.¹ Sabemos que uma característica da gramática do PB é a possibilidade da realização de um elemento vazio (cuja natureza ainda é alvo de discussão, cf. Raposo 1986, Galves 1989, Kato 1993, Cyrino 1994/1997, Panitz 2015, por exemplo) como objeto direto anafórico de terceira pessoa, como ilustram os exemplos abaixo:

- (1) [A Maria]_i me disse que iria ao cinema, mas eu não encontrei ela_i por lá.
- (2) O João me deu [um livro]_i, mas eu não consegui ler Ø_i ainda.

Estudos clássicos e recentes (Duarte 1989, Cyrino 1993, Nunes 1993, Schwenter 2006, 2014, Cyrino & Matos 2016, entre outros) têm mostrado que, em se tratando de retomada de um referente de 3ª pessoa na função de objeto direto, o PB adota duas estratégias predominantes: ora permite o uso de um pronome pleno (*ele, ela*), ora de um objeto nulo (ON), como ilustramos nos exemplos (1) e (2).²

Neste trabalho pretendemos investigar a fala infantil em PB (com base em dois *corpora*, como apresentamos a seguir na seção 2), com o intuito de verificarmos quais os fatores gramaticais condicionadores do pronome e do ON na retomada anafórica de 3ª pessoa na fala de crianças falantes nativas de PB em idade pré-escolar ou de começo de escolarização. Por se

¹Agradecemos os comentários dos pareceristas anônimos que apontaram uma série de inconsistências no texto original. Também agradecemos aos colegas Augusto Buchweitz (PUCRS), Eduardo Kenedy (UFF) e Karina Molsing (PUCRS) por valiosas sugestões e comentários a versões anteriores do trabalho. Todas as inconsistências remanescentes são de nossa própria responsabilidade.

²O pronome clítico (*o, a*) tem baixo índice de ocorrência como estratégia de marcação de objeto em PB (cf. referências já citadas), especialmente na fala infantil (cf. Oliveira 2007, Casagrande 2007, 2012, Ayres 2015).

tratar de fala de crianças nativas monolíngues que ainda não foram alfabetizadas e em início de processo de letramento e alfabetização, é possível que tenhamos acesso às formas vernaculares da língua, com pouca influência da “fala padrão cuidada” que acompanha o processo de aprendizagem da língua escrita e o desenvolvimento do letramento escolar.

Há, basicamente, duas explicações correntes na literatura sobre o condicionamento do ON em PB.³ A primeira afirma que uma combinação de traços do referente condiciona o uso de pronome ou de ON, a saber: os traços de animacidade e especificidade. Em sendo o antecedente [+animado] e [+específico], teremos retomada anafórica com pronome; em sendo o antecedente [-animado] e [-específico], teremos retomada anafórica com objeto nulo (cf. Cyrino 1993, 1994/1997, Schwenter 2006, 2014, entre outros). Vejamos os exemplos:

- (3) Quando eu busco [minha filha]_i na escola, eu encho ela_i \ ??Ø_i de beijos. [+a, +e]
 (4) A Maria deixou [um livro]_i aqui e nunca mais encontrou ??ele_i \ Ø_i. [-a, -e]

Entretanto, há um problema quando encontramos uma combinação assimétrica entre os traços de animacidade e especificidade do referente. Em outras palavras, se um referente tiver os traços [α a, β e], o funcionamento da retomada anafórica não fica tão claro (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015 e Othero et al 2016, para uma discussão mais detalhada do problema). É o que vemos nos exemplos abaixo:

- (5) Se eu encontrar [um aluno que consiga resolver esse problema]_i, eu contrato ele_i \ Ø_i imediatamente para trabalhar em meu projeto de pesquisa. [+a, -e]
 (6) A Maria me deu [o último livro do Chomsky]_i, mas eu não li ele_i \ Ø_i ainda. [-a, +e]

Nesses casos, não fica clara a relação entre os traços do antecedente e a estratégia de retomada anafórica. Por isso, há uma alternativa a essa proposta: Creus & Menuzzi (2004) argumentam que um único traço semântico do referente é necessário para condicionar o uso de pronome *versus* ON na retomada anafórica de 3ª pessoa, o traço de gênero semântico. O gênero semântico refere-se ao sexo natural que pode ser identificado na referência de um substantivo (*menina/menino; gato/gata; boi/vaca*).⁴

De acordo com Creus & Menuzzi (2004: 161),

Do ponto de vista conceitual, a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *ele/ela* e os objetos nulos

³Para resenhas recentes sobre o assunto, remetemos o leitor a Mileski (2014), Pivetta (2015) ou Cyrino & Matos (2016).

⁴Cf. Camara Jr. (1970) para uma distinção entre gênero semântico e gênero gramatical.

é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs não diferem significativamente dos PrPIs [pronomes plenos], já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPIs resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPIs porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico.

Nosso objetivo, neste *squib*, é verificar qual das duas hipóteses explica de maneira mais adequada o funcionamento das estratégias de retomada anafórica do objeto direto de 3ª pessoa na fala infantil.⁵ Para isso, efetuamos pesquisa em dois *corpora* de fala infantil com 36 crianças de idades entre 1 e 9 anos. Na próxima seção, apresentaremos os *corpora* que compuseram o “*corpus* conjunto” que serviu de base para nosso trabalho. Depois, na seção 3, apresentamos a análise dos dados e as conclusões a que chegamos. Por último, na seção “Palavras finais”, fazemos o fechamento do texto, apresentando algumas generalizações a que chegamos.

2 Metodologia

Pesquisamos as ocorrências de retomadas anafóricas de objeto de 3ª pessoa em dois *corpora* de linguagem infantil: o *corpus* do Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem (CEAAL) e o *corpus* do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). O *corpus* do CEAAL foi organizado por pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorreu entre 1999 e 2001, acompanhando longitudinalmente o processo de aquisição da linguagem de duas crianças: uma de 1:10 a 3:7 e a outra de 2:1 a 3:6. Esse *corpus* é composto por 12 entrevistas, sendo 6 de uma criança e 6 de outra.

O *corpus* do PEUL foi organizado com a intenção de estudar a variação linguística do português falado e escrito do Rio de Janeiro. A amostra de fala que analisamos é do *subcorpus* “Amostra de fala infantil”, coletada entre 1979 e 1981. Essa amostra conta com informantes cujas idades variam de 4 a 9 anos de idade e é composto por 31 entrevistas, totalizando 34 crianças participantes. Por isso, temos dados de *linguagem infantil*, como enfatizamos no título, mas não de aquisição da linguagem (ao contrário de outros trabalhos que usaram apenas os dados do *corpus* do CEEAL, por exemplo, como Casagrande 2007).

⁵Devemos fazer uma ressalva importante: todos os trabalhos que mencionamos até aqui lidaram com língua escrita ou fala adulta. Testaremos as hipóteses em dados de fala infantil, o que pode revelar (na verdade, revela, como veremos na próxima seção) algumas diferenças.

Juntando os dois *corpora* para formar o *corpus* de nossa pesquisa, temos um total de 36 informantes, de 1 a 9 anos de idade, 633 páginas de língua falada transcrita e 244.707 palavras. Analisamos as transcrições marcando todas as ocorrências de retomadas anafóricas em função de objeto direto, separando-as em ocorrências com objeto nulo (exemplo 7) e com pronome pleno (exemplo 8) — e também com sintagma nominal (SN, exemplo 9), apenas para aproveitar nosso trabalho de análise de retomadas no *corpus* e poder contrastar nossos achados com os de outros trabalhos, que também lidaram com a retomada via SN (ainda que esse tipo de retomada não seja nosso foco):

- (7) E: A senhora aceita [um suco]_i?⁶
C: Aceito Ø_i.
- (8) E: [O anjinho]_i é muito queridinho, né?
C: Onti eu derrubei ele_i no chão eu fica triste.
- (9) E: Tu tem [uma mana]_i?
C: Tenho uma mana_i.

Depois, analisamos os antecedentes retomados pelas formas anafóricas, classificando-os conforme os três traços semântico-discursivos que mencionamos na seção anterior: animacidade (exemplos 10 e 11), especificidade (exemplos 12 e 13) e gênero semântico (exemplos 14 e 15):

- (10) E: Tu tem [uma mana]_i? [+a]
C: Tenho uma mana_i.
- (11) E: Você viu [o disco]_i? [-a]
C: Viu (vi) Ø_i.
- (12) E: Você tem [medo do guarda]_i, é? [+e]
C: Claro que eu tenho Ø_i.
- (13) E: Cê num usava [óculos]_i? [-e]
F: Eu não. Nunca usei Ø_i.
- (14) E: Que bonitinha [essa vacaquinha]_i, né? [+gs]
C: Vamos deixar ela_i aqui.

⁶Decidimos manter aqui exemplos de objetos nulos tanto em construções de objeto nulo de fato como em construções compreendidas como elipses de VP com o verbo principal repetido, tal como no exemplo (7) — cf. Matos & Cyrino (2001), Cyrino & Matos (2002). Isso porque a estrutura superficial das duas construções é virtualmente idêntica e porque os resultados de Pivetta (2015) sugerem que ambos os fenômenos tenham a mesma motivação gramatical. Além disso, não dispomos de espaço suficiente neste texto para apresentar os dados separadamente (ON x elipses de VP) e juntos. Remetemos o leitor a nossos trabalhos futuros.

- (15) E: Você assiste [novela]_i? [-gs]
 C: Assisto Ø_i.

Como pretendemos contrastar a hipótese de animacidade e especificidade com a hipótese do gênero semântico, sistematizamos todos os dados em tabelas para verificar quais são as tendências de retomada anafórica (especialmente aquelas envolvendo pronomes e ONs) na fala infantil. Vejamos nossas análises na próxima seção.

3 Análise e resultados

Esta seção pode ser um pouco árida para o leitor, pois trazemos uma série de tabelas e gráficos que apontam as tendências da retomada anafórica na fala infantil (ao menos no *corpus* que estudamos). No gráfico 1, apresentamos as ocorrências de retomadas anafóricas, divididas nas classes de ON, pronome pleno e SN repetido, separadas pelos conjuntos dos traços dos referentes que encontramos no *corpus*:

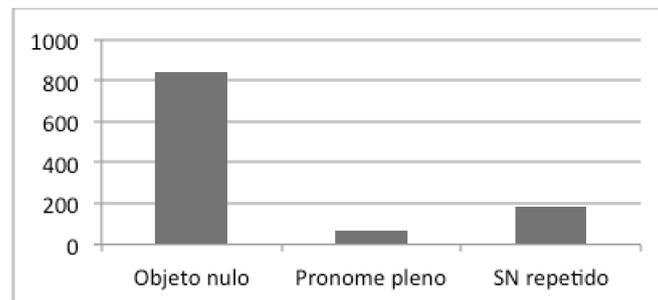


Gráfico 1: Tipos de retomadas anafóricas

Fica evidente a preferência quase categórica pelo uso de uma categoria vazia na retomada anafórica do objeto direto de 3ª pessoa; especialmente se compararmos (como é nossa proposta neste *squib*) os ONs *versus* os pronomes. É o que mostramos nas tabelas 1 e 2:

Traços do referente	Objeto Nulo	Pronomes	TOTAL
[-a, +e, -gs]	689	19	708
[-a, +e, +gs]	19	10	29
[+a, +e, -gs]	14	4	18
[+a, +e, +gs]	68	27	95
[-a, -e, -gs]	46	3	49
[+a, -e, +gs]	2	1	3
[+a, -e, -gs]	4	-	4
TOTAL	842	64	906

Tabela 1: Objeto nulo *versus* pronomes

Tipo de retomada anafórica	Ocorrências
Objeto nulo	842 (92,9%)
Pronomes	64 (7,1%)
TOTAL	906 (100%)

Tabela 2: Objeto nulo *versus* pronomes

Esses dados são fundamentais para a análise das duas hipóteses que contrastamos neste trabalho, já que ambas pretendem explicar qual é a motivação gramatical (leia-se: qual ou quais os traços do antecedente) que condiciona a distribuição complementar entre categoria vazia e pronome na retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB. Analisando os dados da Tabela 1, podemos perceber que, nos casos em que o referente possui a combinação dos traços [+animado] e [+específico], a preferência foi por objetos nulos, contrariando as expectativas iniciais (cf. seção 1). Por outro lado, nos casos dos referentes com os traços [-animado] e [-específico], a preferência também foi por objetos nulos, o que, agora sim, confirma as expectativas. Na verdade, repare que a criança generaliza o objeto nulo, independentemente do traço semântico-discursivo do antecedente. Por isso, ao analisarmos o traço de gênero semântico nos casos que discutimos acima, também parece que a criança generaliza o ON, independentemente de o antecedente ter o traço [+gs] ou [-gs]. Ou seja, nessa primeira aproximação, não temos evidência para decidir qual das duas teorias explica de maneira mais adequada a distribuição entre ONs e pronomes nas retomadas anafóricas da fala infantil. Mas vejamos os dados mais de perto.

No total, obtivemos 1.088 retomadas anafóricas, produzidas por 36 crianças de 1 a 9 anos de idade. Dessas retomadas 842 (77,3%) foram com ON, 182 (16,7%) com SN antecedente e 64 (5,8 %) com pronome pleno. O foco de nossa análise, como mencionamos, é a competição entre a categoria vazia (ON) e as formas pronominais preenchidas (pronomes plenos). Das ocorrências de nosso *corpus*, o ON foi a forma preferida utilizada pelas crianças, como vimos na tabela 2. Sobre os traços semântico-discursivos dos antecedentes de todas as retomadas anafóricas, os resultados que obtivemos foram os seguintes:

Antecedentes	Ocorrências
[- animado]	936 (86%)
[+ animado]	152 (14%)
TOTAL	1.088 (100%)

Tabela 3: Traço [animacidade] dos antecedentes

Ou seja: a maioria dos antecedentes denota um ser [-animado] (ver exemplo (11)).

Antecedentes	Ocorrências
[- específico]	61 (5,7%)
[+ específico]	1.027 (94,3%)
TOTAL	1.088 (100%)

Tabela 4: Traço [especificidade] dos antecedentes

Ou seja: a maioria dos antecedentes é um objeto de discurso [+específico] (ver exemplo (12)).

Antecedentes	Ocorrências
[- gênero semântico]	926 (85,1%)
[+ gênero semântico]	162 (14,9%)
TOTAL	1.088 (100%)

Tabela 5: Traço [gênero semântico] dos antecedentes

Ou seja: a maioria dos antecedentes não tem gênero semântico (ver exemplo (15)). Repare, ainda, como as ocorrências de animacidade e gênero semântico são muito próximas, mas não há redundância nesses casos. Veja os exemplos abaixo, encontrados no *corpus*, de um antecedente [+a, -gs], (16), e de um antecedente [-a, +gs], (17):

(16) E: Você ama [os bichos]_i?

C: Amu \emptyset _i.

(17) E: Achei [a boneca]_i.

C: Depois eu vou pentear ela_i.

Ao verificarmos os traços de animacidade e especificidade dos antecedentes, obtivemos a seguinte distribuição entre as retomadas com ON e pronomes:

Traços dos antecedentes	Objeto nulo	Pronomes
[+a, +e]	72,8%	27,6%
[+a, -e]	83,4%	16,6%
[-a, +e]	96%	4%
[-a, -e]	93,4%	6,5%

Tabela 6: Combinações dos traços [animacidade] e [especificidade] e ocorrências objeto nulo *versus* pronomes

Repare que, independentemente do traço do antecedente (na verdade, da combinação de traços do referente), a preferência da criança é sempre pela retomada anafórica com ON, tal como já havia encontrado Casagrande (2007) em sua análise do *corpus* do CEAAL. Observe

também que, para explicar a suposta distribuição complementar entre pronomes e ONs na fala da criança, a combinação de traços de animacidade e especificidade parece não dar conta dos dados. Supostamente, os referentes [-a, -e] deveriam condicionar a retomada anafórica com um ON, ao passo que os referentes [+a, +e] deveriam condicionar o uso de um pronome. Entretanto, não é o que encontramos em nossos dados. Evidentemente, como já mencionamos na seção 1, a hipótese de Cyrino (1993, 1994/1997) sempre se baseou em dados de língua escrita monitorada — e não de língua falada; muito menos de produção infantil.

De toda sorte, um fato interessante apareceu em nossos dados: se a hipótese da combinação dos traços de animacidade e especificidade do referente não consegue explicar de maneira adequada a retomada anafórica de objetos diretos de 3ª pessoa na gramática infantil, a hipótese do gênero semântico consegue explicar o fenômeno de maneira mais próxima. Podemos verificar isso com os números apresentados na Tabela 7:

Traços dos antecedentes	Objeto nulo	Pronomes
[- gênero semântico]	96,7%	3,3%
[+ gênero semântico]	69,2%	30,8%

Tabela 7: Traço [gênero semântico] e ocorrências objeto nulo *versus* pronomes

Ainda que a gramática infantil não se comporte como a gramática do adulto (no sentido de que aqui a estratégia do ON é a estratégia generalizada, independentemente de quaisquer traços semânticos ou discursivos de seu antecedente), conseguimos ver uma preferência pelo uso de pronomes quando o antecedente tiver o traço [+gs] — cerca de um terço do total (30,8%) —, tal como previram, *mutatis mutandis*, Creus & Menuzzi (2004). Esse parece ser mais um argumento a favor dessa hipótese. Ou seja, é possível explicar a distribuição entre ONs e pronomes tanto na gramática adulta (cf. Creus & Menuzzi 2004, Othero et al 2016) como na gramática infantil se levarmos em conta apenas um único traço do referente — e não dois (na verdade, aqui apenas conseguimos ver uma tendência não categórica, ou seja quase todos os referentes com o traço [-gs] são retomados por objeto nulo, ao passo que grande parte dos referentes com o traço [+gs] são retomados por pronomes, cf. Tabela 7).

Essa tendência pode ser melhor percebida no gráfico a seguir:

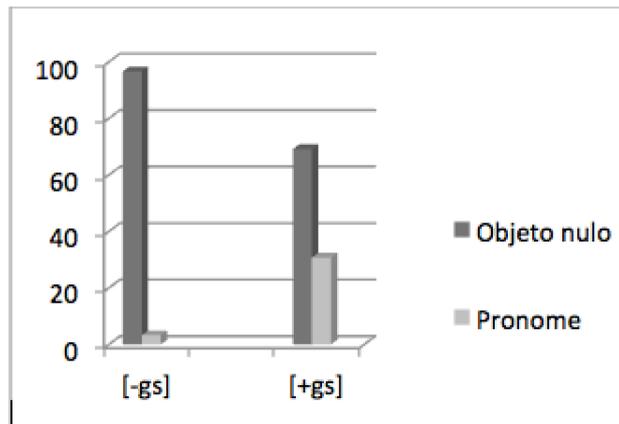


Gráfico 2: Gênero semântico do antecedente e as ocorrências de ONs *versus* pronomes

Ainda que o ON seja a estratégia mais utilizada pela criança, o traço de gênero semântico parece conseguir explicar as retomadas anafóricas na gramática infantil, no seguinte sentido: há uma tendência mais forte de uso do ON com um antecedente [-gs] do que com um antecedente [+gs]. Ou seja, o antecedente [+gs] começa a favorecer o uso de pronomes na retomada anafórica de 3ª pessoa. Analisando apenas as ocorrências de ONs, dividindo-as entre as que ocorreram com referente com traço [+gs] e [-gs], percebemos que a maioria de ocorrências de ONs que encontramos no *corpus* foi com antecedentes [-gs]:

Traços do antecedente	Retomadas por objeto nulo
[- gênero semântico]	89,5%
[+ gênero semântico]	10,5%

Tabela 8: Traço [gênero semântico] e ocorrências do objeto nulo

Repare que não conseguimos obter uma sistematização tão clara se levarmos em conta os traços de animacidade e especificidade do referente (veja a Tabela 6 novamente). Em suma, a proposta do gênero semântico parece ser a melhor hipótese (ou, ao menos, a mais simples, já que propõe uma explicação com base em um único traço semântico do antecedente) para explicar as estratégias de retomada anafórica do objeto em PB (no que toca ao uso de pronomes e ONs).

4 Palavras finais

Neste *squib*, apresentamos os dados que obtivemos de nossa investigação das retomadas anafóricas em função de objeto direto na linguagem infantil; ou seja, investigamos dados de falas de crianças entre 1 e 9 anos. Pecamos, como muito bem aponta um dos pareceristas anônimos deste periódico, por não separar os dados das crianças em faixas etárias distintas, já que pode haver diferença entre a produção de fala de crianças de 1 a 3 anos de idade (fase pré-escolar e de início de desenvolvimento da língua-I da criança) e a produção de fala de crianças entre

4 e 9 anos de idade (em idade escolar, portanto, e fase em que a gramática nuclear da língua provavelmente já está bem consolidada). *Nostra culpa*. De qualquer maneira, pudemos traçar um perfil da *fala infantil*, com produções de crianças que, de certa forma, ainda estão desenvolvendo sua gramática (cf. Lenneberg 1967, Santana 2004, Boeckx & Longa 2011) e tiveram pouco acesso a vivências de letramento formal.

O debate sobre qual (ou quais) traço do antecedente é relevante para a retomada com um ON ou com um pronome foi trazido para o universo da fala infantil. Nossa ideia foi apresentar os dados e tecer algumas generalizações possíveis, como as seguintes:

- i. As crianças generalizam o ON como a principal estratégia de retomada anafórica de 3ª pessoa.
- ii. Os pronomes clíticos não apareceram nesta amostra do *corpus*, o que confirma a ideia de que os clíticos não fazem parte do vernáculo em PB.
- iii. A combinação dos traços de animacidade e especificidade não foi elucidativa para explicar a distribuição entre ONs e pronomes.
- iv. O traço de gênero semântico do antecedente parece estar no caminho certo da explicação, ainda que, como apontamos em (i), o ON seja a estratégia generalizada pela criança.

Esperamos que os dados que apresentamos aqui — juntamente com nossas generalizações — se façam úteis a quem investigar o ON e a retomada anafórica de objeto, não apenas na fala infantil, mas em dados vernaculares do PB, de maneira geral

Referências

- BOECKX, C.; LONGA, V. M. Lenneberg's views on language development and evolution and their relevance for modern biolinguistics. *Biolinguistics*, v. 5, n. 3, 2011.
- CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASAGRANDE, S. *A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 2007.
- CASAGRANDE, S. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. *ReVEL*, edição especial n. 6, 2012.
- CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 3, n. 1-2, 2004.
- CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- CYRINO, S. M. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado: Unicamp, 1994 (publicada em 1997 pela Ed. da UEL).

- CYRINO, S. M.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese — a comparative analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, 1(2), 2002.
- CYRINO, S. M.; MATOS, G. Null Objects and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, L. W.; MENUZZI, S. M.; COSTA, J. (Orgs.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016.
- DUARTE, M. E. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F., (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- GALVES, C. O objeto nulo em português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 17, 1989.
- KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W. J. et al. (Eds.). *Linguistic perspectives on the Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- LENNEBERG, E. H. *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley, 1967.
- MATOS, G.; CYRINO, S. Eclipse de VP no português europeu e no português brasileiro. *Boletim da Abralin* 26, número especial, 2001.
- MILESKI, I. Uma discussão sobre condicionamentos semânticos do uso do objeto nulo no português brasileiro. *Via Litterae*, v. 6, n. 2, 2014
- NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *ReVEL*, v. 5, n. 9, 2007.
- OTHERO, G. A. et al. O objeto nulo em português brasileiro: motivações semânticas e pragmáticas e seu condicionamento. *II Seminário de Teoria e Análise Linguística da UFRGS*, 2016
- PANITZ, E. J. Null objects in Brazilian Portuguese, revisited. *Caderno de Squibs: temas em estudos formais da linguagem*, v. 1, n. 1, 2015.
- PIVETTA, V. *Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos - animacidade/especificidade vs. gênero semântico*. Dissertação de Mestrado: UFRGS, 2015.
- RAPOSO, E. P. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (Eds.). *Studies in Romance Linguistics*. Foris: Dordrecht, 1986.
- SANTANA, A. P. Idade crítica para aquisição da linguagem. *Distúrbios da Comunicação*, v. 16, n. 3, 2004.
- SCHWENTER, S. A. Null objects across South America. *Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, 2006.
- SCHWENTER, S. A. Two kinds of differential object marking in Portuguese and Spanish. *Portuguese-Spanish interfaces: Diachrony, synchrony, and contact*, 2014.

Squib recebido em 26 de julho de 2016.

Squib aceito em 10 de novembro de 2016.